

Jânio provoca risos com cartada final

JOÃO EMÍLIO FALCÃO

A última grande manobra política do ex-presidente Jânio Quadros, apoiar dois candidatos, Affonso Camargo (PTB-PR) e Aureliano Chaves (PFL), e, ao mesmo tempo retirar-lhes a candidatura, com o que uniria a todos, fracassou. Dela restou, apenas, alguns risos na Praça dos Três Poderes e uma nova visão sobre a personalidade do ex-presidente.

Na quinta-feira, o senador Affonso Camargo ficou muito feliz ao receber em São Paulo, numa bela casa, apoio total de Jânio Quadros a sua candidatura. O ex-presidente, cujo ingresso no PFL horas antes fora anunciado pelo seu fiel escudeiro, Cláudio Lembo, estava, inclusive, disposto a filiar-se ao PTB para participar dessa grande campanha civil.

O único obstáculo que encontrava era o ex-ministro Aureliano Chaves, pessoa boa e muito teimosa, cuja candidatura pelo PFL tinha de ser afastada. Aureliano não decolava e iria arrastar a todos. Camargo, que revelou a conversa, reservadamente, a dois líderes do PTB e uma política familiarmente ligada a Jânio, teria apenas de conseguir a renúncia de Aureliano Chaves. Depois de algumas conjecturas, Jânio sugeriu que fosse procurado o general Ernesto Geisel, ex-presidente da República, que teria autoridade para fazer Aureliano renunciar.

Desconfiado com tanta bondade, Camargo sugeriu que Jânio transmitisse suas observações a um político da credibilidade senador Jorge Bornhausen (PFL-SC), que poderia garantir o apoio dos dissidentes e, se preciso, agir junto ao ex-presidente Ernesto Geisel. Jânio, sem muita hesitação, colocou a mesma questão para Bornhausen, que, discretamente, deu alguns indícios a outros líderes dissidentes.

Na sexta-feira, o ex-ministro Aureliano Chaves recebeu garantias, do próprio Jânio Quadros, de que estava entrando no PFL apenas como um reforço a sua candidatura e que não pretendia ser candidato a presidente. Não havia sequer exigência em relação à Vice-Presidência. Etíco, confiando em tudo, Aureliano transmitiu essas informações aos senadores Hugo Napoleão (PI), presidente do PFL, e Marco Maciel (PE), seu adversário nas prévias, sexta-feira última.

No domingo, os aurelianistas foram surpreendidos com uma declaração do ministro Antônio Carlos Magalhães, das Comunicações, de que se deve ter, sempre, dois candidatos. Um fica de emergência, para a hipótese de o primeiro não decolar. Por coincidência voltaram a ser divulgadas informações de que Aureliano estaria disposto a renunciar, quando ele já afirmou, peremptoriamente, que não o fará e irá com sua candidatura até o fim.

O ideal do ex-presidente Jânio Quadros, de acordo com alguns janistas, parlamentares inclusive, é fazer uma grande coligação de centro, da qual participariam PFL, PTB, PDS e outros menores. A dificuldade é conseguir que todos os candidatos saiam e ele possa surgir, após ser aprovado o veto do presidente José Sarney a Lei Eleitoral, que abriu novos prazos, como candidato de união.

O encontro de Aureliano com a cúpula do PTB, o ex-deputado Paiva Muniz e Affonso Camargo serviu mais do que para descobrir a estratégia janista. Serviu para que ficasse claro ser muito difícil um acordo PTB e PFL. Não há nenhuma garantia de que a Convenção do PTB, marcada para 9 de julho, aprove a coligação, pois se não tiver candidato próprio, a maioria, como já fizeram algumas bases, optará por quem está na frente, ou seja, por Fernando Collor.

A tendência do PTB até para evitar a desagregação e fortalecer-se para 1990, é lançar candidato próprio. Atualmente, o PTB é o quarto partido em termos numéricos. Desfeita a possibilidade de entendimento PFL e PTB, a manobra de Jânio começou a ficar ofensiva. O próprio Bornhausen revelou a senadores amigos que iria contá-la a Aureliano Chaves. O ministro da Cultura, José Aparecido, também já a conhece. Ao ouvi-la deu uma risada. "O ônio é assim", teria dito.